

**CINE UEA EM MOVIMENTOS: EXPERIÊNCIAS COM AUDIOVISUAL EM  
PARINTINS, MÉDIO-BAIXO AMAZONAS\***

Diego Omar da Silveira<sup>1</sup>  
Rosane Maria Iannuzzi<sup>2</sup>  
Lucas Silva de Almeida<sup>2</sup>  
Wullecton Souza Picanço<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este artigo apresenta experiências e resultados do projeto de extensão intitulado Cine UEA em Movimento na Escola, realizado entre os anos de 2013 e 2015 na cidade de Parintins, médio-baixo Amazonas. Por meio de exibições e discussões de filmes buscamos levar para um público diverso – no interior das escolas, na Universidade e em outros espaços de ensino-aprendizagem – uma produção cinematográfica pouco conhecida e pouco divulgada nas grandes mídias e nos circuitos comerciais e/ou televisivos. Em uma região na qual não contamos com salas de cinema, compreendemos que a Universidade ocupa um papel central, colaborando de forma decisiva na circulação de bens culturais alternativos, problematizando e debatendo os produtos da indústria cultural. Ao longo de aproximadamente dois anos foram realizadas mostras sobre temas diversos, que vão de produção cinematográfica latino-americana a documentários brasileiros ou longas-metragens que tematizam as questões dos direitos humanos, sempre produzindo um contato instigante e criativo entre a Universidade e a comunidade, fomentando um debate permanente e horizontal entre diferentes sujeitos e grupos sociais sobre questões centrais para as sociedades dos dias atuais.

**Palavras-chave:** Cinema, História, Amazonas, Parintins.

**UEA CINE IN MOVEMENTS: EXPERIENCES WITH AUDIOVISUAL IN  
PARINTINS, LOW-MEDIUM AMAZONAS****ABSTRACT**

This study presents experiences and results of the extension project named Cine UEA in movement at school, realized between the years 2013 and 2015 in the Parintins city, medium-low Amazonas. By the exhibitions and discussions of films we seek to lead to a diverse public – inside of the school, in the university and in other spaces of teaching-learning – a cinematographic production little-known and little widespread in the mainstream media and in the channel of trade and/or televised. In a region which there's no cinema rooms, we comprehend the university occupies a central role, collaborating in a decisive way in a circulation of alternative cultural goods, problematizing and debating the products of the cultural industry. Along approximately two years were carried out film festivals about varied

---

\* O artigo resulta dos relatórios apresentados nos seminários de avaliação de projetos de extensão e das comunicações por nós apresentadas no Seminário Cine-História (Parintins – AM, 2015) e na I Jornada Internacional de Ensino de História na Amazônia (Santarém – PA, 2016). Agradecemos aos professores que estiveram nas bancas ou atuaram como comentadores nessas ocasiões pelas ricas sugestões. Também agradecemos aos bolsistas do primeiro ano de vigência do projeto (2013-2014), Geovane Bastos e Klinger Machado.

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É professor do curso de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e coordenou o Projeto de Extensão *Cine UEA em Movimento na Escola* por dois anos (2013-2015). É organizador do livro *Cine-História. Ensino, pesquisa e extensão com audiovisual na Amazônia*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

<sup>2</sup> Discente do Curso de História no CESP/UEA e bolsista do *Cine UEA em Movimento na Escola* entre 2014 e 2015.

themes, since Latin American cinematographic to Brazilian documentaries or feature films about the human rights questions, always producing an instigating and creative contact between the university and the community, fostering a permanent horizontal debate among different subjects and social groups about central questions for the nowadays society.

**Keywords:** Cinema, History, Amazonas, Parintins.

## INTRODUÇÃO

As interfaces entre cinema e história tornaram-se, “nos últimos tempos, sinônimos de um campo de estudos inovador nas ciências humanas e sociais”, seja na pesquisa, nas experiências com ensino ou no campo da extensão. De acordo com Mônica Kornis (2008, p. 07), “um campo de estudos talvez mais comentado e aceito como relevante do que pensado na sua complexidade e nos seus desafios enquanto espaço de reflexão interdisciplinar”. Respondendo às diversas questões que socialmente se apresentam – e à necessidade de articular teoria e prática – este texto apresenta um conjunto de reflexões provenientes dos trabalhos de extensão universitária realizados, entre 2013 e 2015, no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e nas escolas da rede pública dessa cidade do médio-baixo Amazonas.

Ao longo desses aproximadamente dois anos, desenvolvemos o projeto Cine UEA em Movimento na Escola com o apoio institucional do PROGEX/UEA. O conjunto das atividades propostas e executadas nesse período tiveram como objetivo articular a comunidade universitária e as escolas “em um debate sobre os grandes temas da agenda latino-americana e sobre os principais desafios do Brasil nesse início de século XXI, proporcionado através de exibições comentadas, alguns subsídios para pensar (na relação entre cinema e história) as muitas leituras possíveis da nossa realidade”. Estivemos, assim, semanalmente, em diferentes instituições de ensino – incluindo a própria universidade – e em alguns espaços alternativos, realizando exibições e debates sobre produções do cinema brasileiros e latino-americano (documentários e ficções). Estimamos que o Cine UEA tenha levado projeções a aproximadamente 2000 pessoas, com públicos que variaram de adolescentes, que cursam o Ensino Fundamental e Médio, até adultos que retornaram à escola para concluir sua formação na Educação de Jovens e Adultos e estudantes de vários cursos de graduação na Universidade.

O desejo de realização desse projeto partiu da dupla constatação de que: 1) faltam, em Parintins, espaços públicos nos quais se possa acessar – de forma ampla e gratuita – produtos culturais de qualidade, pouco conhecidos fora do ambiente televisivo, e 2) há manifesta e evidente carência no ambiente universitário de atividades integradoras e complementares que

tratam de forma transversal e multidisciplinar temas que aparecem apenas de forma residual nos currículos dos cursos de bacharelado e/ou licenciatura. Sendo assim, acreditamos ter proporcionado entretenimento e reflexão aos jovens e adolescentes que frequentam as escolas públicas locais, sem deixar de lado a comunidade acadêmica, que também não vinha encontrando nas Universidades um espaço instigante para o debate sobre questões contemporâneas ou para o desenvolvimento de atividades recreativas e culturais.

Levamos também em consideração o esforço da própria UEA em promover projetos voltados à divulgação do cinema crítico e de qualidade (a exemplo do “Cine-Fórum Educação e Sociedade” e “Cine-Vídeo UEA”, realizados na capital) e atividades do mesmo tipo desenvolvidas na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) e no Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro (Bumbódromo). Neste último, para além das experiências ligadas à sala de exibição, acompanhamos algumas experiências do setor de audiovisual, que ministra cursos técnicos de filmagem e elaboração de roteiros.

No que tange o potencial educativo da sétima arte, procuramos investir tanto no aspecto socializante do cinema quanto na construção de novas “competências para ver” (cf. BOURDIEU *apud* DUARTE, 2009, p. 13) nos – quase sempre jovens – espectadores que compuseram nosso público-alvo. Isso porque buscamos considerar, ao mesmo tempo, a utilização do filme como conteúdo disciplinar capaz de trazer à tona importantes temas para debate no interior da escola ou da sala de aula (NAPOLITANO, 2013) e a criação de capacidades estéticas e de ampliação do repertório em grupos sociais que tem seu acesso à produção fílmica mediada, na maioria das vezes, pela televisão. Indo de encontro a todo tipo de naturalização da desigualdade no acesso aos bens culturais, nosso projeto se baseou em uma consciência de que “ir ao cinema, gostar de determinadas cinematografias”, poder escolher o que se vai assistir e “desenvolver os recursos necessários para gostar de determinados filmes, etc., longe de ser uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação das pessoas e contribui para distingui-las”, inclusive socialmente, como considera a educadora Rosália Duarte (2009, p. 14).

Também procuramos investir no potencial (in)formativo das atividades de extensão universitária, garantindo certa democratização do acesso a obras cinematográficas de qualidade, produzidas em nosso país e no nosso continente e cuja força reside exatamente em suscitar uma reflexão crítica sobre a história recente da América Latina e do Brasil, tratando

de temas polêmicos e levantando pontos de vista não muito usuais nos setores mais conservadores da grande mídia. Um cinema reconhecido, portanto, não em função da sua inserção comercial ou por roteiros palatáveis à sociedade de consumo, mas por buscar novas estéticas e narrativas (RAMOS, 1998), representando, a “negação a uma ideia simplista de imagem” em movimento. Segundo Ismail Xavier (2008, p. 14), um “cinema que educa” porque (nos) “faz pensar – e que (nos) faz pensar não apenas sobre o cinema em si mesmo, mas igualmente, sobre as variadas experiências e questões que ele coloca em foco”.

Nesse sentido, nossas escolhas levaram em consideração que, sendo “parte da criação artística, o cinema, é ainda uma arte da memória, da memória individual, coletiva, histórica” que “ritualiza em imagens, visuais e sonoras, os eventos e locais que o espectador fiel deve recordar ao debruçar-se sobre o passado, o presente e o futuro de sua vida”. De acordo com José de Sousa Miguel Lopes e Inês Assunção de Castro Teixeira, “o cinema participa da história não só como técnica, mas também como arte e ideologia. Ele cria ficção e realidades históricas e produz memória. Ele é um registro que implica mais que uma maneira de filmar, por ser uma maneira de reconstruir e recriar a vida, podendo dela extrair-se tudo o que se quiser” (LOPES; TEIXEIRA, 2003, p. 10). Vários autores têm reforçado a ideia das narrativas visuais como “um lugar – especial – de memória”, um tipo de escrita própria, videográfica, que “possui uma dimensão muito particular, qual seja a de construir-se simultaneamente enquanto revelação e construção”. O cinema, tal como mais tarde a televisão, nos faz mais conscientes de que “diante da realidade, existe uma escolha, pontos de vista, montagem e *mise-en-scène*” (KORNIS, 2008, p. 13).

Muitas vezes, durante as exposições presenciamos personagens de ficção se entrelaçarem com a vida dos espectadores, e sujeitos retratados em vídeo-documentários se espelharem na plateia. Havia, nessas ocasiões, uma estreita relação (de identidade) entre aquilo que fora filmado e as experiências dos sujeitos imersos no cotidiano de uma cidade do interior do Amazonas em inícios do século XXI. Pelas lentes das câmeras e por outros olhares, indivíduos e grupos podiam reler algumas questões importantes em suas trajetórias individuais ou coletivas. Na prática, pudemos visualizar o cinema – “tal como a literatura, a pintura e a música, sendo um meio de explorarmos os problemas mais complexos do nosso tempo e da nossa existência, expondo e interrogando a nossa existência, expondo e interrogando a realidade. Em vez de obscurecê-la ou de a ela nos submetemos” (Idem).



**CINEMA NA ESCOLA: DESVENDANDO POTENCIAIS EDUCATIVOS  
(METODOLOGIAS)**

Foram realizadas exibições, intercaladas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins e nas escolas públicas do município. Sendo assim, a cada quinzena aproximadamente, um filme foi levado à escola e, na sequência, outro filme foi apresentado no CESP/ UEA. Praticamente todos foram comentados por professores da UEA ou pela coordenação e bolsistas do projeto. Na Universidade, os convites eram dirigidos a toda a comunidade acadêmica por meio de cartazes e as atividades ocorriam no intervalo dos turnos vespertino e noturno. Em três ocasiões, as exibições do projeto foram concentradas, a primeira em três dias e a segunda em cinco. Isso ocorreu no Seminário 50 anos do Golpe: Memória, História e Culturas Políticas na construção da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985) e durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia dos anos de 2014 e 2015.

No caso das escolas, realizamos um trabalho de sensibilização dos gestores e professores para a nossa proposta. As obras eram apresentadas ao coordenador pedagógico ou responsável com alguns dias de antecedência, juntamente com um texto introdutório sobre o Cine UEA em Movimento na Escola, para que se avaliasse a pertinência do filme indicado e a proposta pedagógica das exibições. Com aval dos gestores ou pedagogos, os professores eram convidados a levar suas turmas para as exibições que aconteciam em espaços amplos – internos ou externos – das escolas, quase sempre com a presença de duas ou mais turmas. Após as exibições, temas centrais do filme eram ressaltados em um comentário pautado pelas questões levantadas no projeto, antes de passarmos ao debate das questões que mais chamavam a atenção do público.

Atentos às considerações de diversos estudiosos do cinema como arte e como mecanismo de produção de sentidos na modernidade, nos esforçamos para reproduzir em todas as exibições as condições originais mínimas nas quais os filmes (inicialmente produzidos em películas) eram exibidos. Tentamos, assim, levar em conta aquilo que Marcos Napolitano (2013, p.14) classifica como uma “situação psicológica muito peculiar a todo espectador de cinema, que ocorre quando a experiência da projeção domina o ambiente, confundindo naquele que assiste o caráter ficcional da obra com a verdade produzida pelas câmeras, tornando o próprio filme um tempo presente (...) o tempo da projeção”. Sempre em ambientes escuros, com telas grandes, através de aparelhos de Datashow (evitando de todas as formas a televisão) e com a melhor qualidade possível de som, recriamos nos pátios ou laboratórios das escolas uma sala de cinema (ainda que improvisada). Também nos

mantivemos atentos com a questão das linguagens originais, rodando os filmes Latino-Americanos sempre com áudio em espanhol e legendas em português, o que compôs parte da aura de estranhamento e sedução motivada pelas apresentações. Na maior parte das vezes, o cuidado com pequenos detalhes que informavam nossa metodologia nos garantiu um gratificante convite para retornar à escola.

## TEMAS E TRAMAS... DO GLOBAL AO LOCAL

O subdesenvolvimento, a violência, a pobreza, bem como a revolução e a superação de todo tipo de desigualdades têm suas linguagens e suas estéticas próprias, construídas na maioria das vezes no bojo das lutas pela descolonização e na tentativa de formular valores e pedagogias libertárias. Vivemos e temos de retornar, sempre que possível – como propõe Eduardo Galeano em seu clássico *Las venas abiertas de América Latina* (1971) – “en el centro de la tormenta”, para compreender os projetos que articulam nosso passado de lutas e opressão ao nosso presente e nosso futuro. Nessa perspectiva, podemos dizer que nas muitas exposições realizadas ao longo do projeto Cine UEA em Movimento na Escola, os espectadores foram lançados no “olho do furacão”, por meio de filmes que encenavam novas e instigantes linguagens – obras pouco conhecidas, exibidas fora dos circuitos comerciais e sem espaço nos canais da grande mídia televisiva.







Banners do Cine UEA em Movimento na Escola (2013-2015) e do Cine-História

Na primeira etapa do projeto, trabalhamos com longas-metragens filmados a partir da década de 1950, que falavam desde Cuba, durante seu processo de luta e de revolução, até a cidade de Buenos Aires, com seus ares europeus que suscitam (des)encontros românticos em tempos de amores virtuais. Temas como drogas, violência, favela, homossexualidade, ditaduras, arte, religião e historietas divertidas, rodados na perspectiva de diretores provenientes de diferentes países Latino-Americanos e em cenários e paisagens que ilustram nosso continente; temas organizados em roteiros nada reconfortantes, que fogem ao modelo hollywoodiano dos finais previsíveis e felizes. Em um semestre exibimos cerca de 15 desses filmes. Já na segunda etapa, projetamos uma riquíssima produção de documentários brasileiros (igualmente desconhecidos por um elevado número de pessoas) que ajuda a desvelar alguns dos principais temas de nossa formação nacional e os desafios contemporâneos de uma nação que tem se defrontado contemporaneamente com alguns dilemas de sua complexa e excludente realidade política e social. Dos clássicos produzidos por Eduardo Coutinho ao trabalho de jovens documentaristas emergem “retratos do Brasil” que colocam em xeque a linearidades dos argumentos apresentados nas novelas e jornais exibidos em horários nobres das principais transmissoras de tv. Um terceiro ciclo de exibições apresentou ao público ficções brasileiras que abordavam a temática dos direitos humanos e sociais, como atestam os cartazes do projeto apresentados acima.

Nas escolas públicas, onde discutimos aproximadamente 40 filmes, um dos desafios foi articular o caráter (in)formativo e crítico das obras com a adequação dos conteúdos exibido aos adolescentes. Embora buscássemos abordar temas importantes para o público jovem, evitamos filmes demasiadamente polêmicos e privilegiamos aqueles que estivessem, de alguma forma, ligados aos conteúdos previstos em diferentes disciplinas do currículo escolar ou que tratassem de temas transversais, conforme estabelecem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental e Médio. De acordo com Napolitano (2013, p. 27), para a faixa etária e escolar que compreende os anos finais do Ensino Básico, devemos levar em consideração na escolha dos filmes algumas características como o “aumento da interdependência grupal, um maior interesse pelo sexo oposto, redefinições identitárias, questionamento do sentido existencial e social da vida e do mundo”, bem como “as primeiras exigências da vida civil (elementos que variam de intensidade conforme o grupo socioeconômico em questão)”.

Uma ocasião foi, porém, tristemente singular e merece, por isso, certo destaque. Ao longo do segundo ano de projeto (2014-2015), quando trabalhávamos longas-metragens brasileiros, selecionamos o filme *Carandiru* (2003, 148 min) como um dos que seriam exibidos, sem definir, no entanto, a escola para a qual pretendíamos levá-lo. A cidade vivenciou, porém, o trauma de uma rebelião no presídio local, com homicídios de detentos e cerco policial da unidade prisional, que fica bem no centro da cidade e ao lado de uma escola da rede pública estadual. Durante a negociação, os estudantes ficaram alguns dias sem aula e, na desocupação, o colégio foi utilizado como abrigo provisório para os presos até que se pudesse limpar e recuperar parcialmente as celas que haviam ficado destruídas. Restabelecida a normalidade, procuramos imediatamente a escola para que pudéssemos discutir com alunos do Ensino Médio a produção de Hector Babenco, baseado no livro de Dráuzio Varella e em narrativas da chacina de presos durante uma insurreição no presídio paulistano do Carandiru. Ainda sob o impacto de tudo o que havia acontecido o debate foi extremamente proveitoso, colocando em contato realidade e ficção, as impressões e experiências dos jovens e as várias narrativas sobre o crime, a vida nas prisões, a violência policial, entre outros temas.

Na Universidade, em meio a um público mais maduro e diversificado, pudemos ousar, apostando não apenas no debate sobre questões abordadas nas películas (postura metodológicas que situa o filme como fonte ou como um texto-gerador), mas também em uma educação do olhar, que tinha por objetivo desenvolver nos espectadores “habilidades e competências diversas, menos ligadas à problemática e discussão sobre os conteúdos do filme



e mais às formas e aos recursos narrativos que o cinema, como linguagem, possui” (Idem, p. 29). Não raro, porém, a interação com as linguagens fílmicas (verbais, gestuais, visuais, sonoras) esteve ancorada na problematização de questões que despertavam interesse profundo no público, como pudemos evidenciar em filmes como *La teta asustada* (Peru, drama, 2009, direção de Claudia Llosa, 95 minutos), que trata dos dilemas entre a tradição e a modernidade pela ótica de uma jovem indígena que se vê bruscamente arremessada na vida urbana após a morte de sua mãe ou como em *Quebrando o tabu* (Brasil, documentário, 2011, direção de Fernando G. Andrade, 74 minutos), que trata do consumo de drogas nos dias atuais, assim como das políticas adotadas para liberalização dos entorpecentes mais leves e do atendimento aos dependentes.

Na tentativa de produzir maior interface com movimentos sociais, levamos projeto para o prédio abandonado da casa de cultura de Parintins, em meio a um contexto em que grupos organizados da sociedade civil reivindicavam direito à cultura e ao espaço público, ocupando e promovendo eventos em uma construção há anos abandonada pela Prefeitura Municipal. Na ocasião, em outubro/novembro de 2014, discutimos alguns filmes a céu aberto, com destaque para *Elefante Branco* (Argentina/França, drama, 2012, direção de Flavio Trapero, 105 minutos) que, ironicamente, aborda uma famosa invasão promovida em um prédio iniciado por Perón e nunca terminado na cidade de Buenos Aires. As exhibições se deram à noite e, embora, com público reduzido, representavam (também como alguma ironia) a necessidade de dar utilidade àquele lugar.

Três outros momentos, já assinalados, marcaram um maior contato nosso com o público externo. Conforme os cartazes dos eventos (reproduzidos abaixo), em 2014, durante o “Seminário 50 anos do Golpe: Memória, História e Culturas Políticas na construção da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985)”, foram exibidos/comentados vários filmes sobre a ditadura no Brasil, com presença inclusive do membro do Comitê da Verdade no Amazonas – Maiká Schwade, além de lideranças indígenas e da antropóloga Sônia da Silva Lorenz, que desenvolveu importantes trabalhos junto à etnia Sateré-Mawé nos anos 1980. Naquele ano e no seguinte, durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia promovemos o ciclo de debates intitulado Lixo e desenvolvimento social no cinema. Trata-se de um contexto em que o problema da destinação dos resíduos sólidos na cidade se tornava agudo. E com a lixeira pública localizada ao lado da UEA, a comunidade acadêmica vivia o problema de maneira singular. Mais uma vez, o cinema podia abrir portas para a leitura da realidade.



**SEMINÁRIO 50 ANOS DO GOLPE:**  
MEMÓRIA, HISTÓRIA E CULTURAS POLÍTICAS NA CONSTRUÇÃO DA  
DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL (1964-1988)

**Credenciamento:** durante o primeiro dia do evento

**Exposição:** João Goulart e o Golpe de 1964 na caricatura, coordenação de Diego Omar (Colegiado de História)

**Dia 19 de maio, segunda-feira**  
**Mesa-Redonda:** Os 50 anos do golpe e a ditadura-civil militar no Brasil: memória, história e historiografia, às 08:30h, com vários pesquisadores

**Exibição comentada do filme:** "Que bom te ver viva" (Brasil, documentário, 1989, direção de Lucia Murat, 97 min), às 14:00h

**Exibição comentada do filme:** "O dia que durou 21 anos" (Brasil, documentário, 2013, direção de Camilo Tavares, 77 min) às 19:00

**Dia 20 de maio, terça-feira**  
**Exibição comentada do filme:** "Memórias de Chumbo, o futebol nos tempos do Condor" (Brasil, documentário, 2012, direção de Lucio de Castro, 50 min), em duas sessões às 08:30h e 19:00h

**Dia 21 de maio, quarta-feira**  
**Exibição comentada do filme:** "Hércules 56" (Brasil, documentário, 2006, direção de Sívio Darin, 94 min), às 08:30h

**Exibição comentada do filme:** "Cidadao Bollesen" (Brasil, documentário, 2009, direção de Chaim Litewski, 92 min), às 14:00h

**Mesa-Redonda:** A Comissão da verdade, a ditadura no Amazonas e o caso de Thomazinho Meirelles, às 18:30h, com vários pesquisadores

LOCAL: CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
REALIZAÇÃO DO COLEGIADO DE HISTÓRIA

**CINE UEA EM MOVIMENTO**  
NA SEMANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

**LIXO E DESENVOLVIMENTO**  
**SOCIAL NO CINEMA**

DE 19 A 23/10 DE 2015  
NO CESP/UEA E ESCOLAS  
DE PARINTINS

UEA  
UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DO  
AMAZONAS

FAPEAM

**CINE UEA EM MOVIMENTO**  
NA SEMANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

**LIXO E DESENVOLVIMENTO**  
**SOCIAL NO CINEMA**

CICLO DE FILMES E DEBATES

*A Ilha das flores* (Brasil, 1989, direção de Jorge Furtado, 13 min);  
*História das coisas* (EUA, animação, 2005, direção de Fábio Gavi, 20 min);  
*Boca do lixo* (Brasil, 1993, direção de Eduardo Coutinho, 48 min);  
*Estamira* (Brasil, 2004, direção de Marcos Prado, 115 min);  
*O lixo extraordinário* (Brasil/ R. Unido, direção de Lucy Walker, 99 min);  
*À margem do lixo* (Brasil, 2008, direção de Evaldo Mocarzel, 84 min);  
*Quem se importa* (Brasil, 2014, direção de Mara Mourão, 93 min);

As atividades serão realizadas no auditório e nas salas do CESP durante manhã, tarde e noite

SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA 2015

Cartazes e programação do "Cine UEA em Movimento" em eventos acadêmicos

No segundo semestre de 2015, em função das demandas apresentadas por professores da rede pública que nos acolheram nas escolas, realizamos o Seminário Cine-História, que debateu o ensino, a pesquisa e a extensão com audiovisual na Amazônia. Participaram do

evento, que contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), pesquisadores de diversas universidades brasileiras que desenvolvem atividades com cinema, música e história oral em laboratórios e centros de documentação. Mesas-redondas e workshops serviram como oportunidades para debater referenciais teóricos e metodológicos nesse campo de estudos. No entanto, nos empenhamos também por imprimir no evento um caráter prático, voltado para uma reflexão sobre “como fazer”, que respondesse às dúvidas dos docentes e de lideranças sociais sobre as melhores maneiras de usar o cinema e a música nas salas de aula e em projetos.

### **AS AMBIGUIDADES DO CINEMA COMO FONTE E REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE**

“Datado do final do século XIX, o cinema se desenvolveu em consonância com as renovações tecnológicas. Logo deixou de ser uma curiosidade mecânica, tornando uma expressão artística e cultural do século XX e alcançando ampla popularidade” (FERREIRA, 2011, p. 209). Nesse processo, entusiastas e/ou críticos da modernidade foram descobrindo no cinema uma importante relação com a história, uma vez que ele não apenas ajudava a compreender as transformações experimentadas na contemporaneidade, como colaborava (de modo singular e através do amplo alcance dos filmes) para “recuperar o passado através do presente”, promovendo – com o funcionamento real das câmeras – um efeito de verossimilhança antes experimentado (em grau bastante mais reduzido e individualizado) apenas pela literatura e pelo teatro.

No Brasil, como no mundo, diferentes grupos e empreendimentos transformaram os filmes em mercadoria e produtos de dominação cultural nas sociedades massificadas ou em símbolos da luta ideológica e contra hegemônica. Nesse sentido, a definição de nichos narrativos ancorados em formulações estéticas – que Jean Claude Bernardet (2006, p. 37) chamou de “gramáticas cinematográficas” – podem ser tomadas desde o início como apostas em determinadas pedagogias visuais, tornadas cada vez mais complexas e que representam um sem-número de argumentos políticos desfilados diante daqueles que assistem, não mais passivamente, sofisticadas sequências fílmicas. Do cinema russo ao neorealismo italiano, o que se vê é uma avalanche de críticas às produções voltadas apenas para o mercado e um apelo a novas formas de produção, outras temáticas e um relacionamento diferenciado com o público. Também os movimentos ligados aos “cinemas novos” apostaram, na segunda metade do século XX, no despojamento dos enredos, personagens, cenografias e de “todo o aparato



imposto pelo cinema de ficção tradicional”, em uma clara tentativa de (re)encontrar o povo (em especial os trabalhadores) em suas situações e dilemas mais cotidianos (idem, p. 93-94).

Desse amplo conjunto de produções apenas um conjunto bastante pequeno chega a parcelas mais amplas da população, não pelas telas das salas de exibição (que são caras e escassas na maior parte do Brasil e mais ainda na Amazônia), mas mediadas pela televisão e por grades de programação que privilegiam os filmes como objetos de recreação e/ou entretenimento. Ressaltando inicialmente o seu potencial alienador, historiadores e cientistas sociais descartaram os filmes como fontes e objetos de análise, deixando de observar, inclusive, durante muito tempo, as relações que se estabelecem entre o cinema e os espectadores; relações nas quais aquele que assiste não necessariamente é passivo. “No ato de ver e assimilar um filme, o público o transforma e interpreta, em função de suas vivências, inquietações, aspirações. Quem costuma discutir filmes em cineclubes já terá percebido até que ponto um filme pode transformar-se no ato de recepção dos espectadores” (idem, p. 80).

Esse movimento também está ligado à determinada cultura histórica que apenas muito recentemente abriu à comunidade dos historiados a possibilidade de intervir mais abertamente na cena pública, subsidiando discussões de maior fôlego sobre o tempo presente e suas representações, combatendo algumas análises simplificadoras do real. Nesse novo cenário, longe de serem tomados como representações fidedignas, os filmes passam a subsidiar análises acerca de como uma sociedade deseja ser observada, sobre seus ideais e seus limites. Pioneiro na discussão sobre a relação entre o cinema e a disciplina histórica, o francês Marc Ferro destacava em seu ensaio “O filme: uma contra-análise da sociedade?” a capacidade que o cinema tem de “desestruturar aquilo que diversas gerações de homens de Estado e pensadores conseguiram ordenar num belo equilíbrio. Ele destrói a imagem do duplo que cada instituição, cada indivíduo conseguiu construir diante da sociedade” e desvendando segredos “apresenta o avesso de uma sociedade, seus lapsos”. Ele atinge suas estruturas. Isso é mais do que necessário para que após o tempo do desprezo [pelo filme] venha o tempo da suspeita, o do temor (FERRO, 2010, p. 31).

Levando em consideração que nossos objetivos eram “ampliar o debate sobre as funções sociais do cinema e da História, proporcionando ao público um espaço de debate mais aprofundado sobre questões importantes (e complexas) da formação econômica, social, política e cultural da América Latina e do Brasil” e “levar às escolas filmes pouco conhecidos, de pouca circulação nacional e raramente exibidos na televisão – favorecendo, ao mesmo tempo, a ampliação do repertório cinematográfico dos jovens e universitários e instigando o

pensamento crítico acerca das histórias narradas nas produções fílmicas”, podemos concluir que o projeto – em suas linhas mais gerais – foi bastante bem sucedido.

Embora esbarrando em algumas dificuldades de discutir os assuntos tratados nos filmes, todas as escolas acolheram bem o projeto, mobilizando seus recursos técnicos para viabilizar as exibições. Um dos pontos positivos foi a constatação de que a ampla maioria das escolas públicas possuem equipamentos tecnológicos e espaço adequados para exibições, tornando viáveis projetos que utilizem o cinema ou outras linguagens que casam elementos visuais e sonoros. Porém, falta ainda, do nosso ponto de vista, desvincular, no espaço escolar ou em ambientes não-formais de ensino-aprendizagem, o cinema da mera recreação/diversão e as formas de se “ver filmes” de práticas demasiadamente individualizadas de apropriação das artes e dos seus enunciados.

Ao que tudo indica, a ausência de uma cultura de discussão e o pouco acesso dos estudantes a filmes alternativos dificulta apreensões mais críticas dos conteúdos exibidos e reforça – quando as exibições se realizam nas escolas – certa passividade dos expectadores, que se posicionam mais à espera de informações e conteúdos do que na posição de um sujeito crítico-reflexivo. Também os professores, tiveram ainda uma atitude bastante tímida nos momentos de debate, o que tem nos empurrado à necessidade de oferecer alternativas em termos de formação continuada aos docentes (com oficinas e cursos de curta duração) para que também eles se despertem para a necessidade fundamental de atuarem como mediadores entre o filme “que representa sempre apenas um ponto de vista sobre a realidade –, e suas possíveis interpretações”. Como propõem Arlete Cipolini e Amaury Cesar Moraes (2009, p. 270), “para tal tarefa, o professor precisa aprender a ser um espectador *especial*, conhecendo [mais profundamente] a linguagem cinematográfica” e as obras que serão apresentadas.





Exibições do “Cine UEA em Movimento” em escolas de Parintins



## REFERÊNCIAS

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CIPOLINI, Arlete; MORAES, Amaury Cesar. “**Não é fita, é fato**: tensões entre instrumento e objeto – um estudo sobre a utilização do cinema na educação”. In: *Revista Educação*. Santa Maria: UFSM, v. 34, n. 02. Maio-agosto de 2009. pp. 265-278.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FABRIS, Elí Henn. “**Cinema e Educação**: um caminho metodológico”. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, n. 33, v. 1, janeiro-junho de 2008. pp. 117-134.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. “**Cinema, educação e história pública**. Dimensões do filme Xica da Silva”. In: ALMEIDA, Juniele R. de; ROVAI, Marta G. de Oliveira (org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. pp. 207-223.

FERRO, Marc. “**O filme, uma contra-análise da sociedade?**”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (dir.). *História: novos objetos*. Tradução de Teresinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. pp.199-215.

\_\_\_\_\_. **Cinema e História**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KORNIS, Mônica Almeida. “**História e Cinema**: um debate metodológico”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, n.10, 1992. pp. 237-250.

\_\_\_\_\_. **Cinema, Televisão e História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LOPES, José de Sousa Miguel; TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro (org.). **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MOCELLIN, Renato. **O cinema e o ensino de História**. Curitiba: Nova Didática, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (org.). **Cinematógrafo**: um olhar sobre a história. Salvador: EDUFBA; São Paulo: UNESP, 2009.

RAMOS, Alcides Freire. “História e cinema: globalização e o olhar dos novíssimos cineastas brasileiros”. In: IOKOI, Zilda Gricoli; MARTINS (et. al.) (org.). **História e Cidadania**. São Paulo: Humanitas: ANPUH, 1998. pp. 345-354.

VALIM, Alexandre Busko. “História e Cinema”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier. 2012. pp. 283-300.

XAVIER, Ismail. “Um cinema que ‘educa’ é um cinema que nos faz pensar (entrevista)”. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, n. 33, v. 1, janeiro-junho de 2008. pp. 13-20.